



## 14º Seminário de Extensão

# INVESTIGAÇÃO DA REALIDADE EDUCACIONAL EXISTENTE NAS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS, IDENTIFICANDO AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO

### Autor(es)

---

NATALIA VELLO ZIEGLITZ

### Co-Autor(es)

---

AMANDA SOARES VALLOTTO  
AMANDA ZANELATO  
FABIANE BUZELLO  
GABRIELA GUIDOLIN EVANGELISTA  
MAISA SANTIAGO  
MARCUS VINICIUS DE MOURA SILVA  
MARCELO BERTAZZO  
MARCELO GASPARINO SILVA FILHO  
SAMUEL INDJALÁ

### Orientador(es)

---

NILCE MARIA ALTENFELDER SILVA DE ARRUDA CAMPOS

## 1. Introdução

---

A indisciplina em sala de aula vem sendo discutida em nossa sociedade, seja por meios acadêmicos, familiares ou pela mídia e representa um dos principais fenômenos que geram dificuldades no contexto escolar (Rego, 1997). Este fenômeno não apresenta uma causa única, reflete uma combinação complexa de causas. A complexidade é parte do perfil da indisciplina, embora seu conceito seja, ainda, um trabalho não totalmente compreendido.

As diversas causas da indisciplina escolar podem ser reunidas em dois grupos gerais: as causas externas à escola e as causas internas. Entre as primeiras, encontramos a influência exercida pelos meios de comunicação, a violência social e ambiente escolar. As causas encontradas no interior da escola incluem, necessariamente, o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, o relacionamento humano, o perfil dos alunos e a capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. E ainda, temos a própria relação entre educadores - alunos e a intervenção disciplinar que os primeiros praticam, pois dependendo da situação, podem reforçar ou gerar modos de indisciplina nesses últimos (Trevisol, 2007).

Segundo Vygotsky (1991), as características de um indivíduo não são dadas a priori, mas dadas a partir da interação do indivíduo com o meio, procurando explicar através do desenvolvimento humano como se dá este processo bidirecional de influências.

A cultura, tem um papel fundamental para constituição das características psicológicas do indivíduo e através da internalização da mesma, o indivíduo se constitui e se organiza. Assim, a relação do homem com o meio não é algo direto, é necessário que haja a mediação de instrumentos técnicos e signos para a constituição do homem em sociedade. A linguagem e o outro têm papel de significação para o sujeito, pois, através destes o sujeito passa a conhecer sua cultura e seu grupo cultural.

Para compreendermos melhor o fenômeno que nos propomos discutir, este é um aspecto importante a ser refletido, ou seja abordar como as crianças constroem a noção de regra, cooperação e respeito mútuo. Segundo Piaget (2006) existe três estágios pelos quais o

sujeito desenvolve o juízo moral sobre seus atos: anomia, heteronomia e autonomia. No primeiro estágio, a criança está num estado sem regras, é um estágio onde a regra é puramente motora, a criança age de forma a realizar seus próprios desejos ou a seguir seus hábitos motores. No segundo estágio a regra é algo que não pode ser transgredido, é sagrada, imutável e unilateral, é um estado de heteronomia.

“(…) as regras que a criança aprende a respeitar, lhe são transmitidas pela maioria dos adultos, isto é, ela as recebe já elaboradas, e, quase sempre, nunca elaboradas na medida de suas necessidades e de seu interesse, mas de uma vez só e pela sucessão ininterrupta das gerações adultas anteriores.” (Piaget, 2006).

No terceiro a regra passa a ser vista como algo que foi eleito pelo consenso de todos e pode ser modificada desde que todos concordem, ou seja, a moral se torna autônoma (Piaget, 1994). Deste modo, essas regras, passam de castradoras a necessárias para o convívio social. A obediência as regras, com o intuito de organização, pode levar o indivíduo a uma atitude autônoma, tendo como consequência a liberdade dentro dos limites impostos. Sendo assim, a indisciplina não é mais vista como um ato de rebeldia ou coragem por quebrar as regras (Rego, 1997).

Porém, a indisciplina escolar não envolve somente características encontradas fora da escola como problemas sociais, sobrevivência precária e baixa qualidade de vida, além de conflitos nas relações familiares, mas aspectos envolvidos e desenvolvidos na escola como a relação professor-aluno. Portanto, a indisciplina escolar pode ser atribuída a fatores externos à escola e/ou a fatores que envolvem a conduta do professor, sua prática pedagógica e até mesmo, práticas da própria escola.

A indisciplina relacionada aos alunos, os atos caracterizados como indisciplinados na escola estariam relacionados à atitude do aluno, como por exemplo: falar ao mesmo tempo em que o professor atrapalhando as aulas; responder com grosserias; brigar com outros alunos ou mesmo entre professor e aluno; bagunçar; ser desobediente; não fazer as tarefas escolares (Oliveira, 1996). A relacionada ao professor demonstra que este, vem ministrar suas aulas desmotivado, sem planejamento das atividades, abre o livro texto e pede para os alunos estudarem cada um em sua carteira, contagiando os alunos e os desmotivando também. (Trevisol, 2007)

Baseando-se nestas premissas, lançamos a hipótese de que o problema da indisciplina não deve ser encarado como alheio à família nem tão pouco à escola, já que, na nossa sociedade, ambas são as principais agências educativas.

## **2. Objetivos**

---

Desenvolver atividades com uma sala de aula apontada como problema a fim de criar alternativas para desestigmatizar os alunos que são apontados como alunos problemas.

## **3. Desenvolvimento**

---

Alunos com idade entre 11 e 13 nos de idade, de uma classe da 6ª série do Ensino Fundamental, composta de 38 alunos, de uma escola Estadual situada na periferia da cidade de Piracicaba – São Paulo.

Utilizamos o método de observação da situação-problema, sendo este caracterizado pela presença dos observadores em sala de aula exigindo atenção dos mesmos durante toda a atividade. O papel fundamental dos observadores foi o da observação do comportamento dos alunos, professores, a relação professor-aluno, aluno-professor e as demais relações existentes no ambiente escolar.

Para complementar os dados foi elaborada um entrevista semi-estruturada com cinco perguntas dirigidas aos professores que ministram aulas na sala da 6ª série F com o objetivo de investigar a postura destes professores diante de uma proposta de intervenção e as opiniões sobre o conteúdo da entrevista.

Foi utilizado para realização das observações, caderno para anotação das situações-problemas que posteriormente foram transcritas de forma padronizada e organizada.

Para cada brincadeira realizada na gincana foram utilizados diferentes materiais para a primeira prova (Guiando o cego) dois tapa olhos, duas bexigas, farinha. Para a segunda prova (Caça Tesouro) quarenta tampas, vinte de cada cor; duas carteiras, duas cadeiras. Para a terceira prova (Corrida de saco) dois sacos grandes. Para a quarta prova (Quiz dos Professores) dez fichas com perguntas sobre conhecimentos gerais, quatro baldes de plástico, dois copos de plástico, duas mesas, duas cadeiras.

## **4. Resultado e Discussão**

---

Partimos dos objetivos de oferecer nosso envolvimento como ferramenta para os alunos, subsidiando um trabalho conjunto para a construção coletiva e democrática das regras das atividades da gincana.

O intuito era estimular o respeito mútuo e hierárquico, criando uma identidade coletiva positiva, ou seja, um grupo, demonstrando a capacidade de interação, envolvimento e organização dos alunos.

Na primeira etapa onde o objetivo era a apresentação das atividades, o processo foi concluído com ressalvas por parte dos alunos, pois estes não se concentraram nos estagiários. Entretanto, houve a compreensão e adesão à proposta e o envolvimento dos mesmos na

divisão dos grupos.

Para a caracterização dos grupos, observou-se um movimento positivo e satisfatório dos alunos, superando nossas expectativas. Isto porque, os grupos se dividiram e se organizaram de maneira eficiente, empenhados em cumprir com as tarefas, confeccionar as bandeiras e os gritos de guerra.

A etapa de apresentação dos materiais foi uma atividade externa a sala de aula, apesar disso, conseguimos manter o controle dos alunos. O ambiente era aberto e fornecia outros atrativos. A atividade foi dirigida e os alunos responderam positivamente, respeitando os limites propostos e executando as tarefas democraticamente.

Esta etapa foi considerada a mais importante do processo de intervenção, pois ao cumprir com o proposto, os alunos demonstraram a capacidade de respeitar os limites e produzir as regras das atividades que eles próprios construíram.

A eleição das atividades se mostrou uma das etapas mais difíceis, pois exigia o envolvimento, respeito mútuo e a cooperação íntegra de todo o grupo, o que não aconteceu. Houve demasiadas conversas paralelas, não respeitando o aluno representante que apresentava as provas elaboradas por eles na etapa anterior.

O intuito era a eleição destas provas para a estruturação da gincana, sendo necessária nossa intervenção para o controle da sala e a conclusão do roteiro do dia. Contudo, os alunos atingiram a proposta de realizar a liderança e o voto democráticos.

Parcialmente concluída, a etapa da execução das atividades, contava com a participação e envolvimento dos docentes convidados pelos grupos de alunos, o que não aconteceu, porém isso não impediu a realização da gincana.

Consideramos que a desconfiança prévia por parte dos alunos em não confiar no Outro, ficou fundamentada nesta falta dos professores. Percebemos que os alunos, acostumados com a não existência de vínculos afetivos por parte dos professores, não incomodaram-se com a ausência dos mesmos, desta maneira, inferimos um descaso dos alunos perante a instituição escolar, sendo isso refletido na relação ensino-aprendizagem.

Apesar dos grupos não terem sido coesos, as provas foram executadas satisfatoriamente e não houve reivindicação ou protesto em relação aos resultados.

As etapas foram executadas como previsto por parte dos estagiários, dos alunos e da relação entre estes, porém parcialmente ou não executada por parte da escola e/ou dos professores. Isto interferiu consideravelmente nas expectativas dos alunos quanto ao envolvimento dos professores, contudo o não comprometimento destes não impediu que as tarefas fossem executadas com êxito. Não podemos deixar de considerar que diante dos obstáculos, o potencial da proposta não foi totalmente aproveitado.

Consideramos inconclusiva a realização da tarefa, pois os professores e a escola detinham a guarda das caixas com as pontuações que interfeririam nas atividades, e estas não foram utilizadas como o proposto pelos próprios professores, inclusive não tendo sido localizadas para a contagem das pontuações ao término das atividades.

## 5. Considerações Finais

---

A partir do trabalho desenvolvido constatamos que houve certo movimento no que concerne ao processo de estigmatização e rotulação de que os alunos não eram capazes de se envolver nas atividades e que nada lhes interessava como conteúdo. Partimos do suposto de que a conduta de aparente desinteresse, como a expressa inicialmente, consiste em reflexo das experiências de injustiça, desorganização, descontinuidade das regras e ausência de vínculos significativos a que esses alunos foram submetidos nas inter-relações estabelecidas na instituição escolar.

Percebemos que não há uma estratégia definida, por parte da escola, para lidar com os alunos tidos como com problemas de indisciplina. Cada agente da escola age de modo diferente e pautado no senso comum ao lidar com situações em que as regras institucionais são descumpridas. Não existe organização do corpo social da instituição para que a escola tenha uma ação orquestra e coesa com relação aos limites e sanções a serem estabelecidos. As atividades desenvolvidas demonstraram o potencial formativo que pode ser desenvolvido junto a esses alunos.

Finalizamos expondo nossa satisfação diante da oportunidade que nos foi dada de conhecer a amplitude da Psicologia Educacional e da constatação de quão grande é esta demanda frente as necessidades atuais. O trabalho não foi fácil, muito pelo contrário, foi árduo e cansativo, sendo este cenário vivido continuamente pelos docentes e pela instituição. Entretanto, diante dos resultados positivos e das expectativas e possibilidades de se agir beneficentemente nas relações sociais, acreditamos que o desafio de formar indivíduos moralmente autônomos é superior aos entraves do caminho.

Sugerimos como projeto de continuidade das intervenções junto à Escola o estabelecimento e fortalecimento dos vínculos afetivos, estimulando a equipe a refletir sobre as próprias condutas. Também seria necessário o trabalho de profissionais especializados para orientar a atuação da equipe frente às situações de conflito, orientando comportamentos (explicitação de possibilidades e limites), ao invés de puni-los. Como sugestão de continuidade de intervenção junto aos alunos, acreditamos que descentralizar a culpabilidade, e assumir coletivamente uma conduta baseada em princípios teóricos condizente com a realidade social e acadêmica desses alunos fossem fundamentais. Para isso, a prática de atividades com menor tempo de duração e aulas mais dinâmicas, ajudaria a evitar a evasão dos alunos para fora da sala, pois observamos que isso tem sido um reforço positivo para eles.

Propomos também a intervenção junto aos grupos e não individualmente, fazendo-os apreender a trabalhar em conjunto. Além disso, avaliar a necessidade de profissionais externos especializados que auxiliem continuamente na construção e retomada dos valores sociais.

---

## Referências Bibliográficas

---

- ARAÚJO, U. F. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: AQUINO, J. G. (Org.) Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- HOUAISS, A. Houaiss Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Moderna, 2008.
- MACHADO, A. M. Avaliação e fracasso: a produção coletiva da queixa escolar. In: AQUINO, J. G. Avaliação e fracasso na escola- Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.
- OLIVEIRA, J. Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 7. ed., atual. ampl. São Paulo: Saraiva, 1996. 210 p.
- REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In.: AQUINO, J. G. (Org.) Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- VYGOTSKI, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- TREVISOL, M. T. C. Indisciplina Escolar: sentidos atribuídos por alunos do ensino fundamental. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2007, Concórdia. Anais... Concórdia: Universidade do Contestado, 2007.